

## «De um lugar onde não há sapos — Homenagem a Bosch» - Guilherme Parente

14 Maio / 2 Julho 2016

Galeria das Salgadeiras

Aqui não há sapos. Há dragões e outros animais do fantástico. Há peixes voadores e cavalos marinhos. Há borboletas, flores e árvores. Há uma viúva negra e muitas naus que navegam num espaço que não seria o seu de origem. Não sei se há princesas, ou se elas estarão do outro lado da tela, lá onde se chega por aquela porta ou espreitando por aquele buraco. Não havendo, portanto, nem sapos nem princesas é como se nem o Mal nem o Bem aqui estivessem representados, deixando de lado uma leitura moralista, e acentuando o cariz mais alegórico da pintura de Guilherme Parente. O que aqui existe, e tem sido constante ao longo dos seus 50 anos de actividade artística, é o sonho, esse lugar aonde se chega quando os olhos se fecham e nos deixamos ir ao sabor da imaginação. Deparamo-nos com o mistério, sempre ele, que nos seduz e convoca a seguir viagem com estes personagens, cromáticas, simples nas suas linhas, com um grande protagonismo nas estórias que a partir daí se criam. Na pintura de Guilherme Parente cabem todos os sonhos e cores do mundo, cabe o Sol ainda que pareça sempre de noite, porém esta não é a “noite escura” de Brandt, contemporâneo de Bosch, que assim se queixava da natureza humana: “o mundo inteiro vive numa noite escura”.

Em 1975 e com José Luís Porfírio, o Museu Nacional de Arte Antiga organizou a exposição “Bosch: artistas contemporâneos e as tentações de S. Antão”, na qual diversos artistas contemporâneos, entre eles Guilherme Parente, revisitaram este célebre e importantíssimo tríptico deste artista do “fantástico”. A este propósito e como celebração dos 500 anos da morte de Jheronymus Bosch, surge este convite e desafio para visitar e reinterpretar a obra de Bosch, nesta que é a sua terceira exposição individual na Galeria das Salgadeiras. «De um lugar onde não há sapos», esse símbolo do Mal tantas vezes evocado nas pinturas de Bosch, traz-nos, portanto, uma série de ilusões fantásticas que aproximam, numa perspectiva mais de afectos e de sensibilidades do que a formal e estética, a pintura de Parente da de Bosch. Seja pela composição onde imperam os horizontes elevados, sejam as interpretação de cenas do quotidiano, efabulados que são por uma riquíssima capacidade criativa, seja por serem recorrentes os símbolos religiosos como o dourado eclesiástico ou a nau como metáfora da subida aos Céus, seja por outras razões que cada um descubra.

Em ambos, e isso é uma ligação estrita e intrínseca, está essa que “retrata os homens do interior”, como afirmava, em 1605, Frei José de Sigüenza, referido no catálogo do MNAA. E é desse interior, revelado por esse dom extraordinário que aos artistas foi concedido por um deus, pelo destino ou por razões de outra ordem, que

buscamos a certeza de que o homem não é genuinamente mau e que o sonho pode ser um lugar possível, porque sem sapos.

Ana Matos

Nova Iorque, Maio de 2016